

APRESENTAÇÃO

Em 2013, o credenciamento no Programa de Pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, permitiu criar a disciplina *Processos Civilizadores e Práticas Socioculturais em Comunidades Amazônicas*, com aplicação nos Pólos dos Municípios de Benjamin Constant e posteriormente em Parintins.

A disciplina está alicerçada nos escritos do sociólogo alemão Norbert Elias que propõe uma teoria do Processo Civilizador por meio da sociologia figuracional, processual.

Dado a extensão de seu legado, foram criadas duas outras disciplinas. Em 2015, *Norbert Elias e Interpretes: escritos sob o viés do processo civilizador*; Em 2016, *Norbert Elias: Sobre o Tempo, Teoria Simbólica, Os Estabelecidos e Os Outsiders, A Condição Humana e Norbert Elias Por Ele Mesmo*.

Inquieto com a indagação: *como você vai lidar com os escritos de Norbert Elias no universo Amazônico?* Respondia essa questão na obra *Ethos e Figurações na Hinterlândia Amazônica*, publicada em 2015/FAPEAM/VALER. Mostro, numa perspectiva figuracional, a teoria eliasiana alicerçando meus estudos no universo empírico amazônico.

A revista apresentada é um dossiê proveniente das disciplinas citadas e que foram apresentados no Grupo de Trabalho Processos Civilizadores na Panamazônia, em novembro de 2016, no II Seminário Internacional Sociedade e Cultura na Amazônia, organizado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

Na revista Somanlu jul/dez. 2016, o organizador desse número, Gláucio Campos Gomes de Matos, apresenta o artigo “PanAmazônia sob o viés do Processo Civilizador”, indagando, a estilo de Norbert Elias, o que tem a ver a PanAmazônia com o processo civilizador? O que há de em



comum entre esses países a permitir uma análise sob o viés do processo civilizador? Responde a essas questões numa análise de processual, mostrando as redes de interdependências ampliadas. Aponta o europeu – colonizador – em sua autoimagem, considerarem os habitantes do novo mundo como seres incivilizados; destaca: a presença das missões religiosas entre os grupos étnicos, o processo de integração em curso, a individualização e a diferenciação social ocorrendo, o desenvolvimento das tecnologias, as discussões ambientais em processo, o surto descivilizadores sobre grupos étnicos, os mecanismos de controle sociais implantados e as novas figurações ocorrendo no universo amazônico.

Alguém conhece a respeito da educação salesiana sobre os índios? O artigo “A Educação Salesiana e a Marca da Civilização Ocidental no Comportamento do Indígena de Yaia Poewano Século XX”, de Joscival Vasconcelos Reis, Gláucio Campos Gomes de Matos e Odenei de Souza Ribeiro, aborda o processo civilizatório ocidental incrementado pela Missão Salesiana Arcanjo São Miguel, como modelação do comportamento do indígena de *Yaia Poewa*, provocando mudanças em seu *modus vivendis*. Com avançar do contato e o processo de integração em curso, os indígenas de *Yaia Poewa* incorporaram transformações que estão presentes, hoje, em suas realidades socioculturais.

E o Sairé, alguém conhece? O artigo “O Sairé como expressão sociocultural dos descendentes de povos indígenas do baixo Amazonas/PA: prática resultante do processo civilizatório aos índios Borari”, de João Aluizio Piranha Dias e Iraildes Caldas Torres, traz uma análise da atuação da missão religiosa Companhia de Jesus, sobre grupos étnicos com intuito de converter, catequizar e civilizar povos indígenas da Amazônia brasileira, a partir da configuração do Sairé. Buscam compreender, como esses elementos de estratégia civilizatória dos missionários jesuítas, mantém-se presentes na expressão sociocultural dos



descendentes dos povos Borari da vila de Alter do Chão/PA, manifestados na festa do Sairé.

E o nosso povo, é hospitaleiro? O artigo “Hospitalidade – uma distinção social no curso do processo civilizador”, de Tathiana de Alcantara Macedo Daou, Gláucio Campos Gomes de Matos e Evandro de Moraes Ramos, traz reflexão da hospitalidade no contexto do processo civilizador. Cortesia, cordialidade, boas maneiras são resultantes do longo percurso pelo qual as sociedades ocidentais passaram. Destaca que a hospitalidade, não foi diferente e não ficou à margem desse processo, mas a individualização e a diferenciação social ocorrendo, a orientação econômica proporcionaram interferências na espontaneidade da mesma. Em sociedades mais simples, a exemplo de comunidades amazônicas, é verificável que a hospitalidade é mais espontânea. Entretanto, no entrar e sair de indivíduos nessas comunidades, a exemplo de turistas, valores são incorporados, condutas são repensadas, a distinção se faz notar.

O artigo “Comunidades tradicionais ribeirinhas do Amazonas e a criação das unidades de conservação – uma reflexão sob o viés do processo civilizador” de Josiani Nascimento da Silva, Gláucio Campos Gomes de Matos e Odenei de Souza Ribeiro destaca o processo civilizatório as quais as comunidades tradicionais ribeirinhas do Amazonas são submetidas com a criação das Unidades de Conservação e sua importância para preservação ambiental. Destaca a relação das comunidades nas novas figurações que emergem, assim como a inserção de novas tecnologias em seu cotidiano observando vantagens e desvantagens e como as mesmas lidam com essas mudanças.

Quem cria peixe no aquário, sustenta a rede de exploração. No artigo, “Os piabeiros de Barcelos e as redes de interdependências” de Josias Benfica da Silva e Gláucio Campos Gomes de Matos, busca revelar as redes de interdependências criadas pelas interações que entrelaçam o piabeiro, a pesca artesanal de peixes ornamentais e as relações de poder no município



de Barcelos. Aponta as novas figurações que estão em curso para uma maior valorização tanto do pescado quanto do pescador e apresentar o ethos e as práticas socioculturais desse amazônida.

Quem é o louco nessa história? O artigo “Loucura Civilizada? A lógica manicomial à luz do Processo Civilizador” de Luciana Diederich Nunes Pessôa, Gláucio Campos Gomes de Matos e Renan Albuquerque Rodrigues, apresenta uma discussão sobre a loucura. Ser louco, ser diferente ganha contorno específico nos dias atuais e provoca reflexões de como ao longo da história esses sujeitos “diferentes” têm sido tratados. O estudo busca refletir sobre a lógica manicomial das Instituições Psiquiátricas e apontar, sob a perspectiva do processo civilizador, uma sociedade questionando conceitos historicamente constituídos e pronta para debater questões das diferenças, dentre elas, a loucura, entrando em cena propostas de um novo cuidado para com aqueles que tiveram suas histórias de vidas roubadas pela segregação social.

O artigo “Karatê: uma arte marcial para disciplinar, distanciamento e autocontrole” de Antônio Lima Pinto e Gláucio Campos Gomes de Matos, destaca a experiência profissional e mostra, como uma arte da guerra, sob normas e preceitos filosóficos, passa a ser utilizada para mudar comportamento, disciplinar o indivíduo, elevando seu nível de autocontrole, contenção das pulsões e o distanciamento do praticante de artes marciais, no contexto da sociedade manauara/AM.

Quem chega ao mundo tem que ser civilizado e a creche é um desses espaços civilizadores. No artigo “Educação Física em creche: uma reflexão na perspectiva da teoria eliasiana”, Sally Ataide Miguel, Gláucio Campos Gomes de Matos e Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, fazem uma reflexão das práticas pedagógicas da educação física escolar em uma creche municipal. Buscam identificar as contribuições dessa área no moldar das condutas e comportamentos da criança para a inserção social. Os jogos psicomotores e suas regras sociais são mecanismos que contribuem nesse



processo, pois é de pleno acordo social, que é um dos atributos da escola o papel de regular o comportamento infantil para vida coletiva.

E o tempo, que tempo é esse a nos coagir. No artigo “Temporalidades no trânsito urbano de Manaus” de Karina Gonçalves Teixeira da Silva e Gláucio Campos Gomes de Matos, observa uma reflexão sobre a importância de compreender o tempo nos diferentes níveis coexistentes no trânsito de Manaus. As figurações nas quais as pessoas estão inseridas, o aumento de veículos e a incompatibilidade das estruturas mexem com a dinâmica temporal das pessoas quando inseridas no trânsito. Dessa forma, os autores destacam o *tempo* como uma categoria a ser levado em consideração ao estudar o trânsito em Manaus.

Mostramos através desses escritos que a teoria eliasiana permite observar processos sociais de longo prazo no Amazonas ou na PanAmzônia. A teoria induz ao pesquisador a transcender suas limitações impostas em sua formação. Para um curso de pós-graduação - mestrado e doutorado - multidisciplinar, a teoria de Norbert Elias é sugestiva para dialogar com nossos objetos de estudo na PanAmazônia.

Boa Leitura !

Os Editores

